

PREÂMBULO

“FABRICAÇÃO DO CONSENTIMENTO” O DEVASTADOR PODER DA PROPAGANDA

O jornalista americano Walter Lipman cunhou a famosa expressão “fabricação do consentimento”, para definir as técnicas e estratégias publicitárias oficiais e empresariais de manipulação da opinião pública, de determinação e imposição de pontos de vista, ainda que esdrúxulos, de afirmação e cominação da “verdade”. Os seres humanos e as sociedades são vítimas de induções ideológicas, de lavagem cerebral (mesmo nos regimes chamados democráticos e livres), realizadas por governos totalitários ou não, por empresas mercantilistas, por grupos ideológicos, religiosos et caterva.

De forma subliminar ou ostensiva, somos envolvidos, dominados por “verdades”, literalmente tapeados por propagandas perniciosas, elaboradas a serviço de grandes potências, de grandes empresas, muitas delas máfias institucionalizadas. Os nazistas utilizaram-se das técnicas e argumentos comerciais americanos de persuasão e manipulação do cidadão, condicionados ao pensamento do mercado (lucro) ou do regime político-militar. Goebbels, o ministro da Propaganda nazista, em apenas cinco anos, tornou a Alemanha, então uma das nações mais cultas, num dos países mais bárbaros do mundo, utilizando-se de temas como supremacia germânica, exploração do terror antisemita e anticomunista entre os alemães.

Lênine, o líder da Revolução Russa, aquela da “Revolução do proletariado”, ou “Revolução dos soviets”, ao assumir o poder em 1917, uma de suas primeiras medidas foi eliminar os soviets (conselhos de operários que, segundo a doutrina comunista, comandariam o poder), sob a alegação de que a Rússia era uma sociedade atrasada, tendo que passar antes – e à força – pela industrialização. O povo usado por paranoicos, como de sempre, como “bucha” para se atingir o poder. O decantado paraíso soviético iria cair nas mãos de desequilibrados como Stálin, um dos mais

sanguinários ditadores da história da humanidade.

O caso do ruinoso hábito do cigarro industrializado foi implantado de forma calculada. Durante a 1ª Guerra Mundial, os soldados mascavam tabaco nas trincheiras. As indústrias enviaram-lhes milhões de maços de cigarros, condicionando-os e viciando-os à prática do fumo. Após a Guerra, as campanhas de indústrias de cigarros voltaram-se para as mulheres, induzindo-as ao deprimente vício. Celebidades, atrizes famosas, em poses sensuais, eram pagas, a peso de ouro, para exibições públicas, cigarro elegantemente à boca, sob o rótulo publicitário de “liberdade e igualdade para a mulher”. A cada trago de cigarro, a cada baforada, vinha a expressão “a tocha da liberdade”. Até médicos faziam a apologia do cigarro em vistosos e bem remunerados comerciais. Isso até que a ficha caísse para todos, ante os terríveis estragos causados pelo cigarro. Milhares de mortos precocemente e da forma mais tétrica. Bilhões de dólares gastos por governos, pela sociedade e por pessoas, a fim de se tratarem os males da nicotina, superando-se em muito o que foi arrecadado a título de impostos.

Companhias petrolíferas corrompe(ra)m cientistas, pagaram bolsistas e consultores, a fim de elaborarem relatórios de que não há aquecimento global e se o há, não tem relação com a poluição provocada por combustíveis fósseis. Cinismos de toda ordem. A sociedade, segundo Noam Chomski, deve desenvolver sempre movimentos de pensamento e ação, questionadores das estruturas da autoridade e da dominação, exigindo-lhes sempre justificação, combatendo toda forma de opressão, injustiças, mentiras.

“Intriga-me a facilidade com que muitos são governados por poucos e a submissão implícita com que os homens cedem os seus destinos aos governos mesmo aos mais déspotas” (David Hume, 1711-1776).

AO PÉ DA FOGUEIRA TAREFEIROS

A turma de tarefeiros, nove a dez homens, pegava duro nos serviços de capina na Fazenda do sr. Marianinho. Todos eles, gente ali das redondezas: Carapuças, Melos, Chapada, Morais, Jacaré, sob o comando de Prudente, - assim denominamos o chefe - a quem cabia a função de medir as tarefas, varas de 11 metros, e distribuir individualmente os talhões a serem capinados. Ao final, ele media o seu próprio quinhão e todos na enxada que o mato ali era de meter medo. Cobras às dúzias, onças quem sabe...

Estranhamente, embora iniciasse a tarefa bem após os demais, Prudente sempre terminava muito antes, resfolgando-se sob a árvore, burrinho na sombra, na fresca por tempos, enquanto os demais prosseguiam, ainda por bons quartos de hora, malhando pesado o cabo da enxada, o que intrigava a todos os companheiros. Dias seguidos, a mesma rotina, Prudente começando por último e, miraculosamente, o primeiro a terminar o eito, se dando ao luxo até de uma soneca.

Silvério, um dos trabalhadores ali, passou a observar atentamente os passos - e mais ainda braços e dedos - do chefe medidor, e verificou que, ao esticar a vara, quando media para si próprio, fazia-o pela metade. Levava espertamente o braço até o meio da vara, desdobrando-a, assim, pela metade (meia vara era por ele astutamente retida e “encolhida” sob o braço, na altura das axilas, do “sovaco”) e dessa forma, tinha a cumprir meia tarefa ou pouco mais do que isso. Daí seu segredo de iniciar por último e terminar a incumbência antes dos demais tarefeiros. Turma tapeada, passada para trás.

Silvério, de comum acordo com os outros tarefeiros, na manhã seguin-



te, tão logo Prudente pegou na vara-medida, informou ao chefe:

- De hoje em diante, nós é quem vamos marcar a sua tarefa.

E das palavras passou o trabalhador à ação, munindo-se, de pronto, da vara e medindo o trecho que caberia ao matreiro chefe. Naquele dia e nos seguintes, com a tarefa “dobrada”, e agora ajustada com a mesma medida de todos, Prudente acabava sempre por último.

Virando-se para Silvério, o chefe, magoado, observou:

- Você, caboclo, é mais esperto que eu... Além de “tu” não ser água de beber, “tu” ainda sujou a minha água...

Nota: Uma Vara corresponde a 22 palmos “cheios” – ver matéria “Anti-medidas agrárias e comerciais” em nosso boletim LXI – Outubro/2012

ADIVINHAS

1. O que é que se tem debaixo de um tapete do hospício?
2. Qual a diferença entre o gato e a Coca-cola?
3. Qual é o queijo que mas sofre?

Resposta: 1. Um doido varrido - 2. gato mia, a Coca-cola light. - 3. O Queijo ralado.

Provérbios e Adágios

- 1. Quem mal faz, mal espere
- 2. O mau carpinteiro põe a culpa na ferramenta
- 3. Quando se meter entre tigres famintos, não culpe a sorte
- 4. As virtudes andam a pé; o vício, de carro.
- 5. Mais vale um toma cá que dois te darei (mais vale um pássaro na mão que dois voando)
- 6. Primeiro, pano de chão para depois ser pano de prato

Para refletir:

*O curso da história e da cultura mundial nos mostra que existem e deveria haver, autoridades morais. Elas constituem uma espécie de hierarquia especial, que é absolutamente necessária para cada indivíduo e país.

(Alexander Solzhenitsyn, escritor russo e prêmio Nobel da Literatura)

*Amo como ama o amor. Não conheço nenhuma razão para amar senão amar. Que queres que te diga, além de que te amo, se o que quero dizer-te é que te amo?

(Fernando Pessoa)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibebe Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Insociabilidade, senão falta de educação

Com o advento em massa de meios portáteis de comunicação – celulares, smartphones temos assistido um espetáculo desalentador de insociabilidade e deselegância – quando não a mais crassa falta de educação.

Pessoas que realizam/atendem ligações pessoais – por vezes em alta voz, celulares estridentes em recintos fechados e até austeros – igrejas, auditórios, reuniões empresariais, etc. Desrespeito, acinte para com os demais participantes.

Isso sem falarmos na mania e deselegância de jovens e mesmo adultos que se agarram a seus aparelhinhos, desconhecendo e desconsiderando os outros à sua volta, mesmo que sejam pais, avós, professores!

Boas normas de educação e um pouco de linha, etiqueta, cabem em qualquer lugar. A desculpa de que são jovens, antenados etc. não “cola”. Normas cabem em todo lugar e são para todos.

Perante terceiros, em ambientes fechados, em conversas, reuniões, participando de aulas, palestras, etc. aparelho desligado!

Fazem muito bem os oficiantes que param as celebrações litúrgicas ao se ouvir atrevido som de um celular. Professores e palestrantes que suspendam suas explanações.

A sociedade – onde convivem pessoas com múltiplas diferenças – funda-se em pactos e leis – que necessitam ser observadas – permitindo nossa proteção e a harmonização da vida comum.

Não é pelo fato de serem “jovens”, de cidadãos ostentarem, utilizarem-se de aparelhos de última geração, que podem impor verdades absolutas e incivilizadas aos demais.

FOTO INTERNET/DIVULGAÇÃO



TACERTO

Sobre o famoso tipo popular “Tacerto”, cujo nome de batismo era José Teodoro de Oliveira, tema de matéria em nosso boletim nº XV, Dezembro/2008, fomos recentemente informados:

I – Ele seria natural de Botelhos, MG, ali nascido em 03/01/1912, filho de João Teodoro de Oliveira e Olimpia Maria de Jesus

II – Residiu décadas em nossa cidade, na condição de trabalhador braçal eventual e assistido pela população, em especial pelos srs. Mauricio Jefferson Pinto, Octávio Leal Pacheco e outros. Embora o nomadismo, a indigência, detinha hábitos nobres, exigentes, exóticos. Não abria mão de comer carne de porco diariamente, de uma dose de conhaque pela manhã e do inseparável maço de cigarros “Arizona”. Detestava, por outro lado, carne de vaca e angu.

Faleceu em 30/05/1983, sendo sepultado no Cemitério local.

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



MÉDICOS DE FAMÍLIA MEDICINA DE ANTIGAMENTE

Vão-se longe os tempos em que se era atendido de forma personalizada, afetiva, uma relação abrangente entre paciente e clínico. No ambiente simples do consultório ou em casa, quando ali chamado, o médico, vestido de branco, a invariável maleta na mão, tinha uma aura de pai, de anjo, de conselheiro, mestre. Era ele um detentor, um repositório das mais nobres qualidades humanistas e humanitárias, diligente discípulo de Hipócrates, a quem as famílias depositavam total confiança, emprestavam a mais excepcional reverência e deferência.

Médicos de família ou de cabeceira, assim eram conhecidos. Cumpridores zelosos do juramento profissional. Cuidavam do paciente, desde o seu nascimento, acompanhavam a realidade pessoal e familiar, facultando uma atenção primária, com o combate preventivo às causas e fatores das doenças, gerando fortes vínculos entre família/sociedade e profissionais médicos. Nenhuma semelhança com a impessoalidade dos nossos dias, consultórios e ambulatórios congestionados, atendimento de massa, consulta “mecânica”, muitas vezes conspurcado pelo mercantilismo, restando tão só um pedido de exames ou receita digitados em computador.

Era ele, ao adentrar-se o consultório, quem recebia o paciente da forma mais cordial, o sorriso a florado, a amabilidade espontânea. Avaliava-lhe a voz, colocando uma toalha para auscultar o pulmão, especulava sobre hábitos cotidianos (se andava descalço, horários da refeição, se fumava, etc.). O exame máximo por ele requisitado então era uma abreugrafia. Fornecia medicamentos, amostra grátis. Tempos de Emulsão de Scott, elixir paregórico, até mesmo dos chás de erva cidreira.⁽¹⁾

NOTAS

(1) Alguns outros medicamentos típicos do século passado:

Cafiaspirina (contra dores)

Nutrigenol (tônico para esgotamento nervoso)

Vikely (fortificante muscular)

Urodona (para limpeza dos rins)

Dynamogenol (tônico para nervos, coração, cérebro e músculos)

Ferro-Quina “Bisleri”

Jubol (laxante)

Cera Dr. Lustosa (aplicativo contra dores de dente)

Alguns desses medicamentos permanecem, com nova embalagem, até os dias atuais: Biotônico Fontoura, Colírio Moura Brasil, Pomada Minâncora, Fosfosol, etc.



OBSERVAÇÕES DA NATUREZA O QUE ESTARÁ ACONTECENDO?

PESSOAS, DE NOSSO MEIO, LIGADAS AO CAMPO – ALGUMAS DELAS LAVRADORES DE LARGA EXPERIÊNCIA – TEM FEITO RECENTES OBSERVAÇÕES SOBRE:

I. A ação das formigas cortadeiras nos últimos meses – o ritmo incessante, alucinante até – como elas tem trabalhado, provocando grandes estragos nas pastagens e pomares. Há relatos de formigas trabalhando praticamente dia e noite, visíveis por toda a parte, com seus exércitos de milhões e milhões de “soldados trabalhadores” em ação. Agricultores tendo que dispender recursos e tempo para combatê-las.

Muitos estão se perguntando quanto à razão frenética das formigas em se provisionar seus formigueiros: - sinal de seca prolongada? Algum outro problema climático?

II. Tem sido igualmente observado, inclusive na área urbana, o

“desassossego” e a “inquietação” de cobras, especialmente as conhecidas como urutu, que tem, ao que parece, proliferado muito. Um lavrador nos informou que somente no espaço de 24 horas, matara 3 urutus, todas se movimentando pelo campo. Nas adjacências e mesmo área urbana, proprietários tem perdido animais picados por cobras.

Sabe-se que os animais tem “sentidos” e “percepções” apurados, conseguindo se prevenir ante situações climáticas mais aflitivas ou mesmo calamitosas. Quando do tsunami na Ásia em 2004, cães e elefantes, horas antes, das ondas gigantescas chegarem às praias, tinham já fugido para lugares altos.

ZÉ MUNIZ

A Capital Mineira sob o signo e o estigma do terror

Em três edições especiais, em data de 27 de Fevereiro de 1947, o jornal “Diário da Tarde”, de Belo Horizonte, noticiava o cerco policial – uma verdadeira operação de guerra – aos bandidos “Zé Muniz” e “Ciganinho”, que, naqueles conturbados tempos, levavam o pânico e o terror à Capital Mineira e região metropolitana. Roubo, assassinatos – inclusive o de um juiz de direito -, perversidades perpetradas pelo bando, deixavam Belo Horizonte e o Estado petrificados, em clima de contínuo pavor. Atrocidades de repercussão nacional e até internacional. Toda a populosa capital sob o signo e o estigma do terror bandido.

Dessa forma, a cidade, eletrizada, em clima de suspense, acompanhava, hora a hora, minuto a minuto, a gigantesca operação policial, talvez uma das maiores já efetivadas, em todos os tempos, pela Polícia Mineira, objetivando desbaratar definitivamente a ousada quadrilha de facínoras.

Em suas edições matutina e vespertina, o “Diário da Tarde” noticiava, respectivamente, em largas manchetes: “Em terrível combate, Ciganinho morto pela polícia” e “Zé Muniz baleado e sensacional escapada – Zé Muniz fugiu ao cerco policial”. Já na edição noturna, às 20 horas, a última do dia, a notícia tão esperada: “Preso Zé Muniz”, com a subnota: “O célebre facínora foi descoberto escondido em uma touceira de mato, entregando-se sem resistência”. Eram 16:30h do dia 27 de fevereiro de 1947, pondo-se fim a uma épica caçada ao bando de Zé Muniz e de seu lugar tenente Ciganinho.

Já em sua premiada fotorreportagem, intitulada “Oito dias de terror”, a revista “O Cruzeiro”, edição de 29 de Março de 1947, págs. 30 a 33, narra a implacável caçada a uma quadrilha de marginais pela Polícia Mineira, envolvendo polícias militar, civil, guarda civil e corpo de bombeiros. A matéria levava a assinatura do fotorrepórter Pedro Aguinaldo Fulgêncio, que, em 4 páginas e seis fotos, ao serem relidas, nos ajudam a recompor e pontuar os dramáticos e fatídicos fatos. Uma ação cinematográfica, lances de quase ficção, em que imagens e textos fazem a apreensão e o suspense de um dos mais complexos, senão patéticos, quadros da história policial mineira.

A matéria do jornalista Pedro Fulgêncio assim se refere às transformações sofridas por Ciganinho e Zé Muniz. “... Antonio Alvim, o Ciganinho, criatura terrível, uma fera legítima. O temido celerado de agora não tinha um prontuário de destaque. Era um ladrão vulgar. Franzino, completamente analfabeto, veio de um passado sem lustre na carreira do crime. Fora processado e condenado a pequenas sentenças por crimes de ferimentos leves e furtos vulgares. Zé Muniz, porém, apesar de ter sido meliante sem maior expressão, voltou (da prisão) com uma transformação que, logo de início, o colocou como um bandido cuja temibilidade e instintos excepcionalmente perversos, dele faziam, no momento, o delinquente mais perigoso que a cidade já vira. Voltou com cartaz. Um cartaz de meter medo à população inteira.”

Em sua obra “No tempo mais perfeito – vida e sonhos de Belo Horizonte da década de 1950”, cap. “Segurança? Coisa para santos e pagãos”, o jornalista e escritor Jäder de Oliveira, escreveu:

“Apesar da pequena e quase imperceptível violência nas ruas, três bandidos fizeram manchetes – Zé Muniz e Ciganinho. Eles eram tão perigosos que a Polícia decretou um toque de recolher na área da Lagoinha, em fins da década de 40, quando os dois ainda estavam soltos. Ciganinho morreu num tiroteio com a polícia. Seu parceiro foi preso. O outro bandido que, em 1947, enfrentou a polícia num intenso tiroteio na Rua dos Pampas, era conhecido como Sete Dedos. Acabou preso” (op.cit, pág 116).



A caça ao homem. Dentro da mata, os policiais procuram os rastros do bandido Zé Muniz



No cerco aos bandidos, nos terrenos da Fazenda Rancho Novo, subúrbio de Belo Horizonte, zona pantanosa de charcos e ribeiros, as forças policiais tiveram que enfrentar todas as dificuldades do terreno. Nada, porém, foi poupado para livrar a Capital mineira de Zé Muniz e seu famoso bando (Fulgêncio, 1947:31)



Objetos encontrados com Ciganinho – armas e a caneta pertencentes ao Juiz Eurico Leopoldo de Bulhões Dutra (assassinado pelo bando)



Um closet do rosto de um homem carrancudo, denotando certo sofrimento e cujo olhar parece “caçar” o olhar do telespectador, acompanhado da seguinte divisa: “O bandido Zé Muniz entregou-se, pedindo que lhe poupassem a vida, quando se viu cercado”.

ZÉ MUNIZ E NOSSA REGIÃO

Descendente de tradicional família de nossa região (Córrego Fundo/Ouro Fino), Zé Muniz aqui nasceu e cresceu até a maioridade. Filho de Francisco de Paula Muniz Júnior e Joana Cândida de Gouveia, tendo nascido no lugar chamado Cachoeira em São Tiago (a Fazenda Cachoeira situava-se na região da Içara – hoje em terras da família do Sr. Satírico Resende – informação do Sr. Antonio Gouveia, a quem somos gratos) em 08/04/1907. Segundo informações colhidas, a família Muniz em nossa região tem sua origem na cidade de Prados. Zé Muniz era irmão do sr. João e sr. Antônio Muniz. Sobrinho do sr. Vicente Muniz, esse um homem conceituadíssimo e conhecido em nosso meio, genitor do sr. Zequinha comerciante. Ainda jovem e aqui residente, Zé Muniz viu-se envolvido em brigas e escaramuças em festas rurais (Ouro Fino, Morro do Ferro etc.) e a ele passaram a ser atribuídos alguns roubos de animais em fazendas locais, aí pelos inícios da década

de 1920. Mudou-se para Belo Horizonte, onde sua tia Branca, comerciante, tinha uma banca ou bazar de camelô.⁽¹⁾ A história familiar informa que, na Capital mineira, Zé Muniz dera extremos desgostos à tia e demais familiares. Iniciando-se em roubos, foi tirado de delegacias e da prisão, inúmeras vezes, pela tia, mas essa acabou, igualmente, sendo vítima do sobrinho delinquente, que teria lhe roubado pertences pessoais e a própria loja.⁽²⁾

Acumpliciado ao facínora Antonio Alvim, vulgo “Ciganinho”, Zé Muniz tornou-se um dos mais temíveis bandidos mineiros em todos os tempos.⁽³⁾ A ação mais audaciosa e afrontosa do bando foi o assassinato do Juiz de Direito Eurico Leopoldo de Bulhões Dutra,⁽⁴⁾ que os condenara em processos anteriores, tendo os criminosos o ignominioso ultraje de colocar um papel e uma caneta na boca do cadáver, em vilipêndio e em aberto acinte ao direito constituído e à sociedade.

PASSAGENS E NARRATIVAS DA TERRÍVEL HISTÓRIA.



Um homem, circulado por policiais e bombeiros, um troféu nas mãos das autoridades, após uma implacável e bem sucedida caçada. O dístico sotoposto à foto é elucidativo: “Zé Muniz nas mãos da polícia. Depois de ter Belo Horizonte debaixo de pavor, quando foram cometidos crimes de morte e assaltos, Zé Muniz foi finalmente preso e depois de uma movimentada diligência, da qual tomaram parte investigadores, praças da força policial, guardas civis e bombeiros” (Fulgêncio 1947:32)



“Policiais velando um corpo”, com as explicações “O corpo de Ciganinho, companheiro de Zé Muniz, morto durante o verdadeiro combate com as forças policiais na Fazenda Rancho Novo em Belo Horizonte”.



“Bombeiros observando um revólver” - “Praças do Corpo de Bombeiros foram utilizados no cerco ao bandido Zé Muniz, juntamente com elementos de outras corporações civis e militares” (pág. 54 - nº mencionada da revista O Cruzeiro)

Notas

(1) Diz-se que o primeiro relógio de pulso que apareceu em nosso meio era do sr. Vicente Muniz, presente de sua irmã Branca, então uma bem sucedida comerciante na Capital Mineira. Naqueles tempos, décadas de 1920/1930, os relógios de pulso eram caros, todos importados, marcas suíças e sonho de consumo de todos. Era um símbolo de riqueza, poder e glamour.

(2) A família Muniz em nosso Município, segundo foi-nos informado, é oriunda de Prados, quando do casamento, em inícios do século passado, de moradores locais, geralmente tropeiros com moças pradenses, um deles, sr. Neca, consorciou-se com D^a Sofia Muniz, da sociedade pradense. Neca era filho do sr. Joaquim Generoso e fora tropeiro e mascate, desde moço, viajando por toda a região. Em seus cargueiros, conduzia banha, polvilho, queijos, etc. da região do Ouro Fino para São João del Rei, estendendo-se até Tiradentes, Dolores de Campos, Prados, de onde retornava com arreatas, artigos de couro, botas, etc. para revenda em nosso meio. Lá conheceu a jovem Sofia, com quem viria a se convolar. O sr. Neca explorava também uma venda, na região do Ouro Fino, à época um ponto de muito movimento por ser encruzilhada de várias estradas que atravessavam a região.

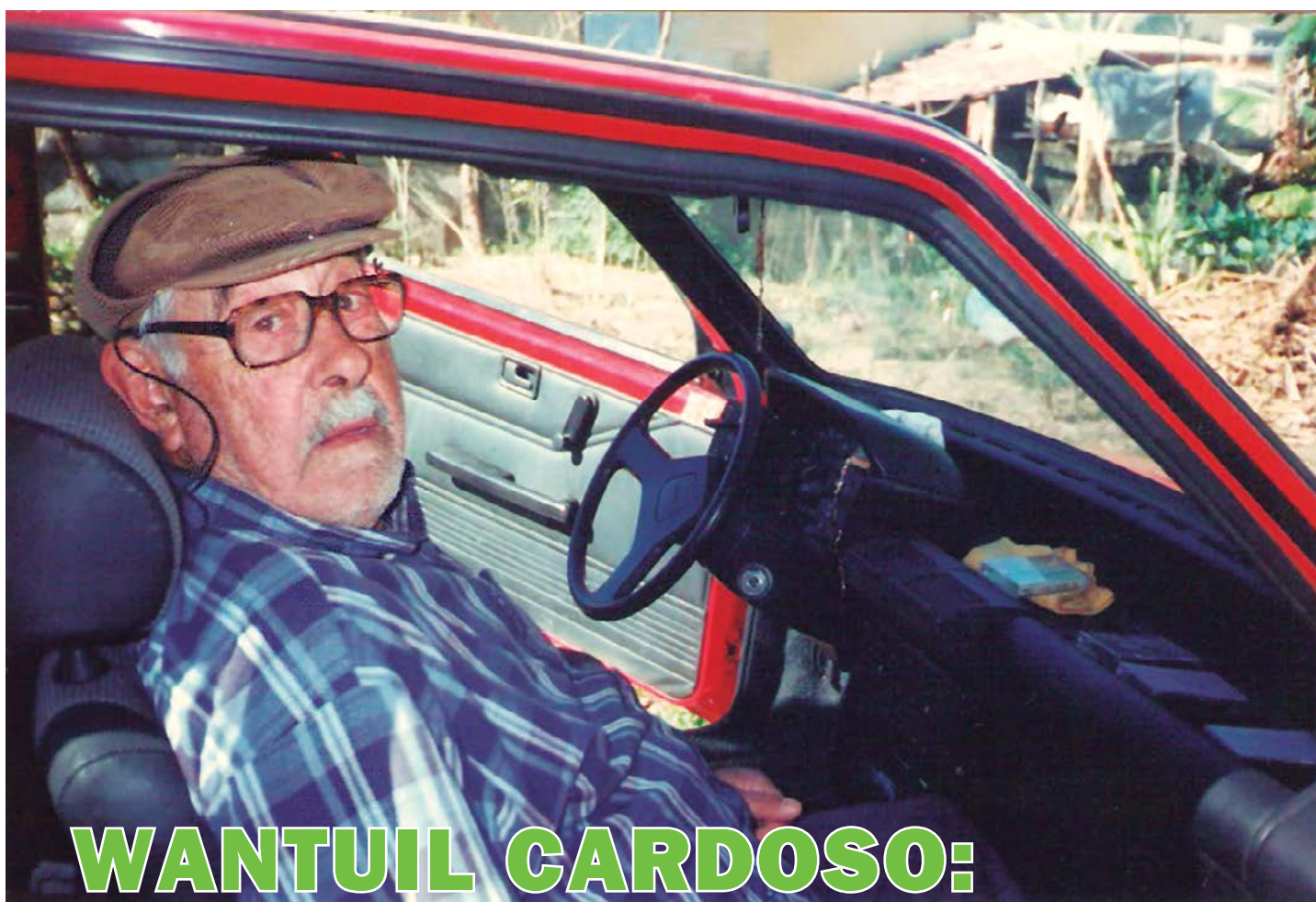
(3) Zé Muniz, segundo pessoas ainda vivas de nossa cidade que o conheceram ou que dele tiveram validadas informações, era de temperamento destemido; valente, atingindo as raias da máxima violência, após várias passagens por presídios da Capital mineira. Retornava dali, cada vez mais escolado e mestre na arte do banditismo; arguto, inteligente, chegou, conjuntamente com outros prisioneiros, (no limiar de sua carreira criminosa, nos primórdios da década de 1940) a serem “avaliados”, e eventualmente “treinados” pelas autoridades militares da época para encaminhamento aos campos de batalha da II Guerra Mundial (informações orais repassadas por familiares)

Acabou assassinado no presídio. Quando tomava banho de sol foi esfaqueado pelas costas por um dos detentos. Rixas entre presos, vingança ou a velha história do arquivo morto, uma dúvida que persiste até hoje...

(4) O juiz Eurico Leopoldo de Bulhões Dutra, tragicamente assassinado pela quadrilha de Zé Muniz, conta em sua biografia, como deputado e senador estadual (1919 a 1930) e Prefeito de Lambari (1931) Informações colhidas pela Internet.

Obs. Cert. Nasc. de José Muniz, data de 08/04/1907, filho de Francisco de Paula Muniz Júnior e Joanna Cândida Gouveia, natural da Caxoeira; Avós paternos: Francisco de Paula Muniz e Luiza Maria de Gouveia; Avós maternos: Cândido Alves de Gouveia e Maria Francisca da Silveira (Registro de Nascimento: Livro 2 – Folha 177 – Termo 46 - Cart. Reg. Civil de S.Tiago), a quem muito agradecemos. Nossos agradecimentos ainda aos Srs. Arimateia/Micaela e Sr. Chico José Antonio por informações prestadas.

Obs.: REALIZAMOS INÚMEROS CONTACTOS JUNTO A AUTORIDADES E MESMO, IMPRENSA, BUSCANDO MAIORES DADOS SOBRE A FIGURA DE ZÉ MUNIZ – PORÉM INFRUTÍFEROS...



WANTUIL CARDOSO: ESTUDOS DE FILOSOFIA E HERMETISMO À SOMBRA DO MILHARAL

A evolução humana, civilizatória, prossegue inexorável, em todos os níveis. Nada a detém. Em todas as épocas e regiões do planeta, sempre surgiram e se manifestaram espíritos de escol, que iluminaram, com suas teorias e ensinamentos, o pensamento universal. Daí o grande número de filósofos, reformadores, religiosos, líderes com que a Providência Divina agracia e irriga permanentemente a humanidade.

Da mesma forma, sempre existiram pessoas de espírito aberto, estudiosos e idealistas, receptivos ao conhecimento, desejosos de saber mais, de pesquisar, de expandir fronteiras e que se debruçaram sobre livros e alfarrábios com sacrifícios; e muitas vezes, anônimos, solitários, incompreen-

didados, quando não perseguidos, vítimas da intolerância e da ignorância reinantes no mundo.

Em nosso meio, merece distinção a figura do sr. Wantuil Cardoso (1916/2005), homem simples, agricultor, de dura lide no amanho da terra, de extrema probidade, de tratamento e relacionamento refinados, de fala mansa e sábia, cidadão exemplar, modelar chefe de família e que primava pelo estudo profundo, silencioso da filosofia e em especial do esoterismo e ciências herméticas.

Nas horas vagas, à luz de velas ou lampião, à sombra dos arvoredos, no intervalo do trabalho braçal, sob os milharais por ele cultivados, em seu sítio no Município de Resende

Costa, inclinava-se sobre livros e tratados do mais entranhável e insondável simbolismo, cujo conteúdo iniciático, alegórico e filosófico desafia, decerto, a mais arguta inteligência. Nada disto o inibia. Teurgia, Gnose, Antropogênese, Cosmogonia, Cabala, Esoterismo em geral, Bíblia Sagrada eram seus temas básicos. A real iniciação e o verdadeiro conhecimento interior, afinal, são para espíritos devotados, esforçados e inspirados.

Autores de temas densos e de apurada assimilação como Eliphas Levi⁽¹⁾, Blavastky, Gurdijeff, Cedaïor, Papus, Annie Besant, Jorge Adoum⁽²⁾, patriarcas e luminas da Igreja, a vida e obra de Jesus eram estudos constantes de Wantuil. Embora se desconheça a sua iniciação em instituições “fechadas” ou ditas “secretas”, tinha um aprimorado conhecimento de seus rituais, simbolismos, ensinamentos, chegando a participar de conversas e “rodas” de iniciados ou de grupos informais, primando sempre pela elegância, conhecimento e correção na exposição dos temas abordados.

Esclareça-se que o sr. Wantuil era católico praticante, dedicando-se a estudos esotéricos por gosto, por intuítos de aperfeiçoamento pessoal, cultural e espiritual. Frise-se ainda que as denominadas “sociedades secretas” ou herméticas, ao contrário do que muitos pensam - e até malevolamente apregoam -, não são religiões, dedicando-se elas a estudos filosóficos, ritualísticos e ações progressistas, culturais e sociais.

Os livros de leitura do sr. Wantuil, valiosos, raros, inclusive alguns que pertenceram ao seu pai, sr. José Cardoso, que era herbanário, ao que se diz, foram incinerados por orientação de grupos religiosos que davam assistência pastoral à família, tachados de “obras de feitiçaria”. Um prejuízo incalculável para a comunidade, pois poderiam ser doados a alguma biblioteca local. Se verdadeira a informação, lamentável!!! Sinais de que a Inquisição ainda vigora em pleno 3º Milênio!⁽³⁾

NOTAS

(1) Eliphas Levi, pseudônimo de Alphonse Louis Constant era um dos autores preferidos de sr. Wantuil. Nasceu em Paris em 1810, aí falecendo em 1875. Filho de humilde sapateiro, foi educado no Seminário de Saint Sulpice, sendo um brilhante aluno e aí recebendo o diaconato. Por motivos não esclarecidos, desligou-se do seminário, passando a militar ostensivamente nas hostes socialistas, o que lhe valeu seis meses de prisão (1841).

A partir de 1851, torna-se conhecido com a publicação de várias obras ocultistas, cabalísticas e esotéricas, o que lhe trouxe reputação europeia e internacional. Suas obras revelam notável conhecimento acerca da história, doutrina e filosofia da magia. Dono de estilo dogmático, dramático e cativante, além de genial artista, ilustrando seus manuscritos com diagramas e figuras a partir de antigos textos hermetistas.

Pertenceu à Ordem Rosacruz, deixando enorme número de discípulos e manuscritos, muitos publicados postumamente, impulsionando o movimento ocultista europeu e fazendo revigorar as artes e ciências esotéricas. Morreu plenamente reconciliado com a Igreja. Obras: “Dogma e Ritual de alta Magia” (1856); “História da Magia” (1856); “As chaves dos grandes mistérios” (1861); “O grande arcano ou o ocultismo revelado” (1898), etc.

(2) Jorge Elias Adoum (Mago Jefa), escritor e médico, nasceu a 10/03/1897 em Karf-Shbeil, próximo à cidade de Biblos, no Líbano. Era de família católica maronita, pais fazendeiros. Sofreu em seu País natal os horrores da Guerra de 1914, narrando-os em seu livro “Adonai”. Iniciado ainda no Líbano em Ciências Ocultas. Terminou seus estudos superiores em Lyon (França) onde se diplomou em Medicina. Viveu grande parte de sua vida no Equador, onde constituiu sua família. Um de seus filhos Jorge Enrique Adoum (1926-2009), diplomata de carreira, tornou-se um dos maiores escritores equatorianos, de reconhecimento internacional. Mago Jefa percorreu quase todos os países sul-americanos, vivendo muitos anos no Brasil. Residiu em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, aí falecendo a 04/05/1958, vítima de derrame cerebral.

Autor de dezenas de obras, dentre elas: “Poderes ou o livro que diviniza” (1940); “As chaves do reino Interno” (1941); “Adonai” (1942); “A sarça de Horeb” (1943); “O povo das mil e uma noites” (1946); “A magia do verbo ou o poder das palavras”; “Rasgando véus”; “O Reino ou o homem desvelado”; “Vinte dias no mundo dos mortos”, etc. Conferencista itinerante e senhor de vasto conhecimento filosófico, médico, esotérico e iniciático.

Sabe-se que Jorge Adoum, um peregrino constante e incansável buscador da verdade, levou uma existência peculiar, senão mística e misteriosa, viajando praticamente incógnito, tendo passado por nossa região, inclusive São Tiago, em inícios da década de 1950. Fomos contatados, certa época, por biógrafos e discípulos de Adoum, nesse sentido. Há referências orais quanto a sua estadia e passagem entre nós – mas nada documentado, até agora.

(3) Um fato similar, de incompreensão religiosa ou manifesta intolerância, registrado pela memória foi o do sr. Carmindo José Santiago, famoso artesão e ferreiro local, que era estudioso e profundamente versado em Mitologia, em especial a Greco-Romana, decorando sua oficina com deuses ligados ao fogo. Motivo para ser visto como “herege”, “suspeito de apostasia” “feiticeiro” etc. Ver matéria “A Forjaria do Senhor Carmindo” em nosso boletim nº XLVIII - Set/2011.

DADOS BIOGRÁFICOS

Wantuil Cardoso nasceu a 23/12/1916 e faleceu a 08/07/2005. Filho de José Cardoso Reis, conhecido “raizeiro” (fitoterapeuta, na nomenclatura atual) e D^a Guiomar Augusta da Silva. Lavrador, era proprietário do Sítio Boa Vista, no município de Resende Costa. Casado com D^a Maria da Conceição Resende (14/11/1916 - 07/09/2004), tendo o casal 12 filhos.

Embora a sua aura de homem introspectivo, estudioso, era pessoa de temperamento extrovertido, alegre, cordato, excelente prosa, de um refinado relacionamento.

Um grande amigo, a quem prestamos nossas homenagens e apreço.

O Circo

Texto extraído de escritos da professora Maria Celeste de Assis Alvarenga
(10/07/1946 - 19/11/1997)



Famoso Circo Portugal - Agosto 1957, montado na Praça onde hoje é a Rua Carlos Pereira, mais precisamente onde funcionam hoje o Correio, a Polícia Militar. Ao lado casa do Sr. Zé Cabecinha.

Da esquerda para a Direita: Sr. Newton Navarro, Sr. Guido Dirceu Reis, Sr. José Orlando de Campos, Sr. Brás Navarro (as crianças não foram identificadas)



Maria Celeste de Assis Alvarenga

a forje em favor de Estela.
Esta, então, narra-lhe todo o seu passado, convencendo-a de que nada mais existia entre eles.
Estela muda-se para São Paulo.
Forge e Laia casam-se e são muito felizes.

O+O

|| IVR ||

A manhã era fria. Quando as crianças caminhavam para o Grupo, ouviu-se de suas bocas uma exclamação unânime de pesar.
O semblante dos adultos também parecia triste.
E que passava vagarosamente pela rua um velho caminhão lento dele, antenas de ripas rangiam e seu rangor tinha algo que cheirava a despedida.
Era o circo que se ia...

A memminha, que parecia estar sentindo tanto frio com tão pouca roupa, trabalhava com o pai, para depois vender seus retratos entre a platéia.
Ah! e o palhaço? Indescribível. Já adoro, aquele jeito tão seu de falar, a mala ôca que todo dia levava, a cartola, o sapatão e a bengala...
Palhaço de circo... embora infeliz, muitas vezes tem o seu tipo de felicidade: sabe fazer os outros rirem...
O circo foi nosso por algum tempo. Em outras cidades, certamente, irá continuar sua tarefa.
Para nós, só resta uma praça imensa, o esquiço no meio...

O+O

13.5.1969

Maria Celeste - 13.05.1969